

ENCONTROS SOBRE VIDA, SAÚDE E TRABALHO NAS ESCOLAS PÚBLICAS EM/NA REDE

dispositivos de interação on-line e formação em saúde do trabalhador

MEETINGS ON LIFE, HEALTH, AND WORK IN PUBLIC SCHOOLS IN THE NETWORK:
online interaction tools and worker health learning

Amanda Ornella Hyppolito¹

Mary Yale Neves²

Juliana Ribeiro Velasco Pereira³

Beatriz Fraga de Souza³

Maria Clara Muniz de Brito³

Clara Perez da Cruz Ulhoa Tenorio⁴

Guilherme Augusto França de Melo dos Santos³

Sandy Rodrigues da Silva Vieira³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer acerca de ações realizadas em ambiente virtual e desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Encontros sobre vida, saúde e trabalho nas escolas públicas”, enquanto desdobramento de um projeto integrado de pesquisas, durante o período de distanciamento físico imposto pela pandemia de Covid-19. As ações foram materializadas nos seguintes ambientes digitais: site, Instagram e Facebook, interfaces on-line que tinham por objetivo atuar como ambientes de troca de experiências e formação acerca das relações entre o trabalho e a saúde de trabalhadoras e trabalhadores, com o potencial de vir a constituir uma “Comunidade Ampliada de Pesquisa-Intervenção” (CAPI) em rede. Adotou-se como referenciais teóricos as contribuições de Canguilhem e das Clínicas do Trabalho. Nesse sentido, foram estabelecidos espaços de comunicação e interação, voltados à disseminação de informações e à criação de ambientes virtuais de formação e promoção da saúde, com o intuito de fomentar uma rede, denominada “Trabalhar na escola”, que envolveria acadêmicos, trabalhadores(as) e movimentos sociais. Algumas iniciativas on-line foram realizadas e ambiências criadas na busca de produzir conteúdo e estabelecer trocas que estimulassem o desenvolvimento da capacidade de compreender↔transformar as relações entre o trabalho e os processos de saúde-doença de trabalhadores(as) da educação. Concluiu-se que, apesar das limitações impostas pelo período, tanto o site quanto as redes sociais mencionadas favoreceram a troca de experiências e a interação dialógica, revelando-se como iniciativas promissoras para a promoção da saúde.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; Escola pública; Site e mídias sociais.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil.
Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: amandaornela@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil.
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do

Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil.
Graduanda(o) em Psicologia pela UFF.

⁴ Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil.
Graduanda em Enfermagem pela UFF.

ABSTRACT

This article reports on an outreach experience conducted in a virtual environment during the period of social distancing imposed by the Covid-19 pandemic. These actions were part of the extension project “Encounters on Life, Health, and Work in Public Schools,” developed within the framework of an integrated research-intervention program and materialized in digital environments such as a website, Instagram, and Facebook. These online interfaces aimed to serve as spaces for exchanging experiences and training around the relationship between work and health for workers, with the potential to establish an “Expanded Community of Research-Intervention” (CAPI) network. Theoretical references included contributions from Canguilhem and Work Clinics. In this regard, spaces for communication and interaction were established, focused on disseminating information and creating virtual environments for training and health promotion, with the goal of fostering a network called “Working in Schools,” which would involve academics, workers, and social movements. Various online initiatives were undertaken, and virtual spaces were created to produce content and encourage exchanges that fostered the development of the ability to understand and transform the relationship between work and the health-disease processes affecting educational workers. It was concluded that, despite the limitations imposed during this period, both the website and the mentioned social networks facilitated the exchange of experiences and dialogical interaction, proving to be promising initiatives for health promotion.

Keywords: Worker health; Public school; Website and social media.

INTRODUÇÃO

A atividade de trabalho costuma ser mais complexa do que qualquer avaliação inicial que se faz dela. Um olhar desatento pode levar à conclusão precipitada de que se trata apenas da execução de ações específicas. No entanto, elas envolvem uma complexidade que precisa ser reconhecida. Nessa perspectiva, é fundamental considerar a presença do corpo-si, sempre envolvido nas dramáticas dos usos de si na realização do seu trabalho. Trata-se de uma realidade enigmática, que não pode ser compreendida por abordagens simples (Schwartz; Durrive, 2021). E, para entender e transformar essa realidade, é essencial manter uma relação dialógica com trabalhadoras e trabalhadores em suas situações de trabalho.

Especialmente no campo da educação, diversas realidades se sobrepõem. Em níveis federal, estadual e municipal, existem redes de ensino distintas, gerências administrativas variadas e uma pluralidade de profissionais, como diretores(as), professores(as), auxiliares de serviços gerais, cozinheiros(as) escolares, vigias, entre outros, que interagem com alunos, pais e outros responsáveis. Essa diversidade gera variabilidade significativa no trabalhar em escolas públicas.

No transcurso da pandemia da Covid-19, as complexidades já presentes se intensificaram. Face ao fechamento abrupto das escolas visando o controle do vírus SARS-CoV2, tanto as atividades de trabalho como as formas

de estudo e de acessar os conteúdos curriculares se modificaram. De acordo com Arruda (2020), devido à falta de uma coordenação geral do Ministério da Educação (MEC), a rede pública de ensino no Brasil manifestou formas difusas de enfrentamento, em que algumas secretarias da educação de estados e municípios agiram de maneira mais planejada e outras de modo mais improvisado.

Baixos salários, relações hierarquizadas, tempo reduzido para pausas e descanso, carência de recursos materiais e sobrecarga de trabalho, além do desprestígio e da desvalorização social das atividades realizadas nas escolas públicas, integram um quadro histórico de precarização das condições de trabalho nesse espaço (Noronha; Assunção; Oliveira, 2008; Brito; Athayde; Neves, 2011; Hyppolito, 2018; Neves; Brito; Muniz, 2019). O contexto pandêmico trouxe novas demandas e riscos. Isso porque o isolamento social, a pressão por mudanças e adaptações ao trabalho remoto, o medo do contágio no retorno às atividades presenciais e o aumento das responsabilidades em meio a uma crise sanitária global afetaram diretamente o bem-estar mental e físico de profissionais da educação (Calderari; Vianna; Meneghetti, 2022).

Diante dessa realidade, docentes e pesquisadores na universidade, tais quais duas das coautoras deste trabalho, se viram desafiados a sustentar projetos de pesquisa e de extensão em um cenário de restrições de contato físico e mudanças rápidas nas condições de ensino em meio à pandemia. A continuidade das atividades era essencial e a utilização de ferramentas digitais se tornou a única possibilidade para a interação e a troca de conhecimentos de forma remota. Assim, plataformas como Zoom®, Google Meet®, redes sociais e sites institucionais possibilitaram a realização de atividades de ensino, pesquisa

e extensão, por meio das quais as formas de trabalhar foram reinventadas.

Nesse contexto, foram planejadas ações de extensão voltadas para a (re)criação de espaços virtuais, como um site institucional e contas no Instagram® e no Facebook®, por meio do projeto de extensão “Encontros sobre vida, saúde e trabalho nas escolas públicas”, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo nessas plataformas foi estabelecer ambientes de troca de experiências e de formação sobre as relações entre o trabalho e a saúde dos trabalhadores(as) em escolas públicas. Considerava-se que tais iniciativas em ambientes virtuais tinham potencial para manter as ações e interações com trabalhadores e trabalhadoras de escolas e, além disso, fomentar a constituição de uma “Comunidade Ampliada de Pesquisa-Intervenção” (CAPI), em rede (Brito; Athayde, 2003; Athayde; Zambroni-de-Souza; Brito, 2014; Neves *et al.*, 2011).

O projeto em tela surgiu articulado ao Programa Integrado de Pesquisas: Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas, iniciado em 2011 na UFF. Este programa vem realizando pesquisas-intervenção em escolas da rede pública estadual e municipal, especialmente na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro (Neves *et al.*, 2011; Hyppolito, 2018). E, historicamente, tais iniciativas são desdobramentos do Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas, que foi executado entre 1998 e 2010, abrangendo o estado do Rio de Janeiro e a cidade de João Pessoa, na Paraíba (Brito, Athayde; Neves, 2011).

A partir da ação extensionista, esperava-se estimular e ampliar o debate sobre a vida, a saúde e o trabalho nas escolas públicas brasileiras constituindo espaços de reflexão e invenção de novas formas de ação dirigidas à

construção da saúde. O projeto era, portanto, uma proposta para fomentar a produção de discussões virtuais sobre vida e saúde no trabalho em educação e dinamizar as conexões de uma rede virtual de formação, notícias, análises e reflexões sobre diferentes aspectos da saúde dos(as) trabalhadores(as). Além disso, buscava identificar e compartilhar ações e mudanças de melhoria nas condições de trabalho e saúde dos(as) trabalhadores(as) de escolas públicas que identificássemos divulgadas de forma pública na rede.

As iniciativas desenvolvidas nos diversos ambientes virtuais foram fundamentais para garantir a continuidade das atividades de pesquisa e extensão durante o período pandêmico, em que o distanciamento físico se apresentou necessário. Nesse sentido, foram estabelecidos meios de comunicação e interação, voltados à disseminação de informações e à criação de ambientes virtuais de formação e promoção da saúde, com o intuito de fomentar uma rede, denominada “Trabalhar na escola”, que envolveria acadêmicos, trabalhadores(as) e movimentos sociais. Mediante essas plataformas, buscou-se sustentar o diálogo e a circulação de saberes sobre as questões acerca da saúde e trabalho nas escolas públicas. Através do ciberespaço, portanto, manteve-se o vínculo dos docentes e estudantes da UFF com pesquisadores(as) de outras instituições e com os(as) profissionais da educação das redes participantes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste projeto de extensão recorremos às contribuições de Canguilhem (1995) acerca da saúde; do Modelo Operário Italiano (MOI) de produção de conhecimento e de luta pela saúde; e das Clínicas de Trabalho, principalmente a Ergonomia da Atividade (Guérin *et al.*, 2001) e a Psicodinâmica do Trabalho (De-

jours, 2012). Elas são operacionalizadas sob a ótica das relações de gênero (Kergoat, 2009; Hirata, 2014) e da perspectiva ergológica (Schwartz, 2000; Schwartz; Durrive, 2021), com vistas à criação de espaços de diálogos e de transformações das situações nocivas, com a imprescindível participação dos(as) trabalhadores(as).

No que diz respeito à noção de saúde, seguimos a linhagem vitalista de Canguilhem (1995), a qual entende saúde e doença como dimensões constitutivas do processo dinâmico do viver, estando cada uma destas dimensões contida na outra. Para esse teórico, a saúde está relacionada à capacidade do ser vivo de estabelecer normas (ser normativo), de tolerar e de enfrentar as “infidelidades” do meio, indo além de mera adaptação do indivíduo. Assim, saúde não é apenas assunto de especialistas, mas daqueles que vivem a experiência humana do viver.

A Ergonomia da Atividade, por sua vez, defende que em toda situação de trabalho há uma defasagem entre a prescrição e o real desenvolvimento da atividade, pois nesta os trabalhadores recorrem às suas experiências, a fim de se anteciparem às variabilidades (técnica e humana) que se apresentam no momento de realização das atividades e que não foram previstas ou catalogadas antecipadamente. Neste sentido, a tarefa se refere ao modo como o trabalho deveria ser realizado; já a atividade é relativa ao modo pelo qual ele é efetivamente realizado (Guérin *et al.*, 2001).

A definição de trabalho, segundo a Ergonomia, apresenta-se como um conceito encarnado, em um espaço, tempo e corpo, implicando necessariamente inter-relações em três âmbitos: a atividade, suas condições e suas consequências. Convém considerar que o en-

foque dessa conceituação é dirigido, no entanto, à atividade, ponto nodal destas relações flutuantes, enigmáticas (Guérin *et al.*, 2001).

Outra base teórico-metodológica a ser destacada é a da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 2012). Para problematizar a relação saúde-trabalho, Dejours (2012) reconhece o trabalho não apenas como fonte de doença e de infelicidade, mas como operador de saúde e de prazer, a depender sempre das suas condições e formas de organização. Em sua visão, o trabalho nunca é neutro em relação à saúde, podendo tanto favorecê-la quanto desencadear a doença.

Ainda segundo o autor, é fundamental construir dispositivos que mobilizem a criação, a engenhosidade, as possibilidades de transformação, evitando-se, assim, o aprisionamento engendrado pelo recorrente alerta dos riscos e dos sofrimentos vivenciados no trabalho, que tende a minar a atuação das defesas, sem apresentar possibilidades efetivas de enfrentamento. É preciso estar atento às reservas de alternativas presentes nas atividades de trabalho, já que essas são pistas para a construção uma vida em comum melhor (Schwartz; Durrive, 2021).

Sobre o Modelo Operário Italiano (MOI) de produção de conhecimento e de luta pela saúde, convém ressaltar que se tratou de uma mobilização conjunta de técnicos/especialistas e de operários na luta pela saúde dos trabalhadores (Oddone *et al.*, 2020). Esse modelo, surgido na década de 1960, na Itália, é uma das contribuições de formas de pesquisa-formação-intervenção utilizadas neste projeto, no que tange à produção de conhecimento e à luta para compreender↔transformar as relações entre a saúde e o trabalho. Tendo como referência central a valorização da experiência dos(as) trabalhadores(as), o

MOI apresentava três conceitos interligados: grupo operário homogêneo, validação consensual e não delegação.

O grupo operário homogêneo abrange o grupo de trabalhadores que vive conjuntamente a mesma experiência laboral. A tomada de consciência de sua experiência coletiva desencadearia a autonomia do grupo, no qual os operários afirmam suas próprias regras de funcionamento (Oddone *et al.*, 2020). Já a validação consensual consiste no julgamento coletivo pelo qual o grupo legitima ou não a experiência de cada trabalhador relativamente às condições de trabalho. O conjunto de julgamentos subjetivos e qualitativos dos trabalhadores é assim transformado em critério de avaliação quantitativa e torna esse fato uma dimensão científica. Por fim, o conceito de não delegação exprime a recusa de delegar aos especialistas o julgamento sobre a nocividade das condições de trabalho do grupo e a fixação dos padrões (limites) de nocividade (Oddone *et al.*, 2020).

Neves *et al.* (2011) reforçam a relevância de se incorporar nos estudos acerca da saúde e trabalho nas escolas a ótica das relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho. Kergoat (2010) nos apresenta o conceito de consubstancialidade, definido a partir da imbricação das relações de sexo e de classe. Posteriormente, haveria uma atualização desse conceito, considerando-se três relações fundamentais, segundo Hirata (2014): classe, gênero e “raça”/etnia. Nesse processo, segundo as autoras, a interseccionalidade dessas três dimensões pode ser considerada um instrumento, simultaneamente, de conhecimento e de ação política.

A Ergologia apresenta-se como uma perspectiva de melhor conhecer e intervir sobre as situações de trabalho na busca de sua trans-

formação (Schwartz; Durrive, 2021). Configura-se uma proposição epistemológica que, a partir das descobertas da Ergonomia da Atividade, empreendeu uma (re)avaliação do MOI, ressaltando sua potencialidade de análise e intervenção sem deixar de apontar alguns de seus limites, mediante a proposição do “dispositivo dinâmico de três polos” (Schwartz, 2000).

Entende-se, a partir de Schwartz (2000), que além dos polos (em sua mútua atração) que envolvem os saberes oriundos das disciplinas científicas e os saberes engendrados/mobilizados/investidos na atividade, é importante um terceiro polo para a gestão da colaboração e o confronto entre esses dois planos: o polo ético-epistêmico. Essa colaboração exige uma postura de humildade epistemológica, de disposição de retrabalho permanente e sistemático dos conceitos das disciplinas e dos saberes da experiência. Em síntese, considera-se que, para que um dispositivo de formação, pesquisa e intervenção seja efetivo, é necessário que pesquisadores(as) e trabalhadores(as) construam um valor comum pautado pela ideia de que todos/as são, em alguma medida, normativos e dotados da capacidade de produzir saberes fundamentais para um processo de transformação↔compreensão das situações de trabalho.

Portanto, paralelamente ao programa integrado de pesquisas acerca da saúde e trabalho nas escolas, as redes on-line foram acionadas, no momento da pandemia, como ferramentas estratégicas na disseminação de conhecimento e busca da promoção da saúde. Era o meio possível, mas também promissor, para

disseminação de conhecimento. As pessoas usam a internet e as redes sociais para se informar, e, quando o assunto é saúde, a procura por informações é relevante. Dessa forma, o uso das mídias é um possível caminho para ação social relevante da pesquisa científica, que é a disseminação do conhecimento (Alexandre *et al.*, 2023).

Corroboram nossas escolhas os dados da PNAD Contínua TIC (IBGE, 2022) que indicam que no Brasil, entre as 185,4 milhões de pessoas de 10 anos de idade ou mais, 87,2% (ou 161,6 milhões) utilizaram a internet, ante 84,7% em 2021. A frequência com que as pessoas utilizavam a internet era diária em 93,4% dos entrevistados. Assim, para além do possível, evidências apontam avanços crescentes da tecnologia da informação nas formas de comunicação e disseminação de conhecimento, o que favorece o acesso, sem restrição de tempo e espaço.

3. METODOLOGIA

A proposta de construção da Rede Trabalhar na Escola teve como intenção a busca por um diálogo, que ampliasse a capacidade dos coletivos de trabalho de compreender↔transformar as suas situações de trabalho. A mobilização e criação de recursos virtuais como um site institucional⁵ e perfis nas redes sociais Instagram®⁶ e Facebook®⁷ buscava constituir espaços de troca de experiências e formação acerca das relações entre o trabalho e a saúde para estimular a configuração de uma Comunidade Ampliada de Pesquisa-Intervenção – CAPI em rede (Brito; Athayde, 2003; Neves *et al.*, 2011).

5 Disponível em: www.trabalharnaescola.uff.br. Acesso em: 23 dez. 2024.

6 Disponível em: www.instagram.com/trabalharnaescola. Acesso em: 23 dez. 2024.

7 Disponível em: www.facebook.com/trabalharnaescola. Acesso em: 23 dez. 2024.

O site institucional foi, antecendentemente, uma ação desenvolvida no âmbito do Programa de *Formação* em Gênero, Saúde e Trabalho nas Escolas (Brito; Athayde; Neves, 2011), em parceria com diversas instituições, como a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a própria UFF, alojado inicialmente no portal FIOCRUZ (Brito *et al.*, 2012). Após sua desativação, houve uma retomada e atualização desta iniciativa em outubro de 2020, no âmbito da extensão da UFF. Naquele momento, a reconstrução do site apresentou-se como um espaço para reflexão e invenção de diferentes formas de ação dirigidas à luta pela promoção da saúde de trabalhadores(as) em educação pública.

Outra iniciativa realizada para melhor comunicação e interação foi a configuração de duas redes sociais para o projeto: Instagram® e Facebook®, em agosto de 2021. A escolha pelo uso dessas duas plataformas digitais justifica-se em virtude da sua relevância global, conforme noticiado pelo *The Global State of Digital 2022* (HootSuite, 2022). A periodicidade das publicações, realizadas às 11h das terças-feiras, foi definida por ser essa a janela de maior engajamento das pessoas nas nossas redes (Keutelian, 2022).

O desafio era contribuir para a continuidade do trabalho e o fortalecimento da CAPI em um momento ímpar, do isolamento social pela pandemia. Os ambientes on-line foram denominados “Rede trabalhar na escola – site, Instagram® e Facebook® – Encontros sobre vida, saúde e trabalho nas escolas públicas”. Segundo Castells (2009), a sociedade em rede transforma as dinâmicas sociais permitindo interação e trocas de conhecimento de forma ampla e democrática. Desse modo,

ao se constituir espaços virtuais voltados para a problemática da saúde de trabalhadores e trabalhadoras de escolas públicas, apostou-se em uma rede que foi e pode vir a configurar transformações para a promoção da saúde e a qualidade de vida no trabalho.

4. RESULTADOS

O projeto iniciou as atividades intervencionistas em setembro de 2020, apresentando-se como um momento de intensa aprendizagem. Para aprender o uso das ferramentas de (re)construção do site institucional, fez-se necessário inicialmente participarmos de um treinamento remoto dado por técnicos do serviço de tecnologia de Informação (STI) da UFF. Foi remodelado todo o visual do antigo site e criada uma identidade visual do projeto de extensão, a partir do site, para ser utilizada nos diversos ambientes e postagens on-line (figura 1). Após período de intenso trabalho, houve a divulgação da rede social para discentes, trabalhadores(as), pesquisadores e docentes de outras instituições.

Figura 1. Logo para identidade visual utilizada nas diversas plataformas digitais da rede “Trabalhar na escola”



Fonte: acervo dos autores.

No site (figura 2) organizou-se as diversas ambientes da seguinte forma: (i) apresentação da proposta, equipe de trabalho e leituras fundamentais; (ii) históricos do “Programa de *Formação* em Saúde, Gênero e Trabalho nas Esco-

las” e materiais produzidos; (iii) experiências de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro; (iv) divulgação de eventos, iniciativas sindicais, políticas e ações governamentais;

e (v) apresentação de atividades acadêmicas; reportagens e textos publicados em jornais e revistas, além de comunicações enviadas pelos(as) trabalhadores(as), membros da equipe e pesquisadores da área.

Figura 2. Interface inicial do site institucional



Fonte: acervo dos autores.

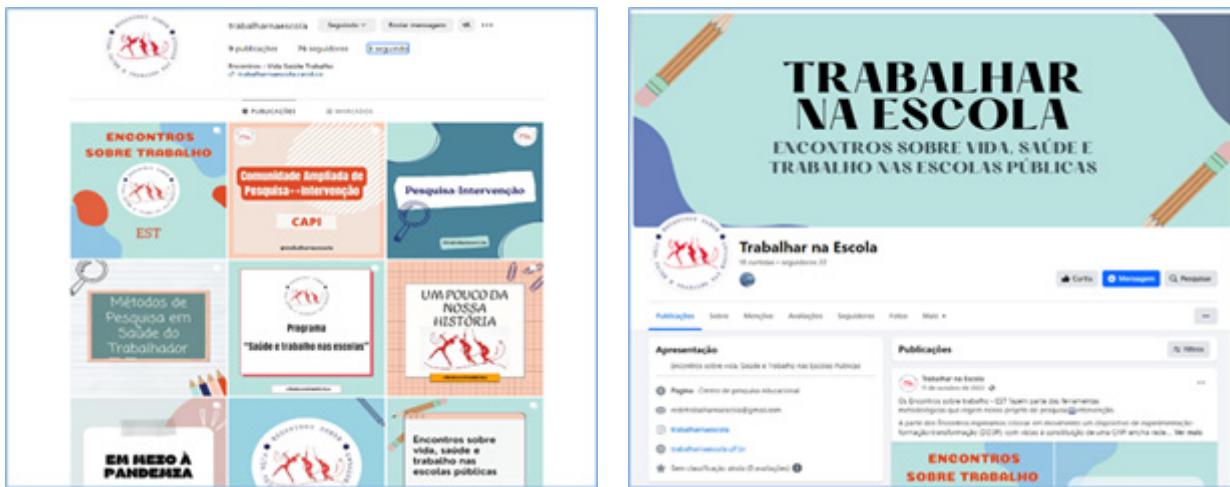
A home apresenta o Programa de *Formação* em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas, desenvolvido no passado no estado do Rio de Janeiro e em João Pessoa, e as ações do projeto integrado de pesquisas “Saúde e Trabalho nas Escolas”, desenvolvido desde 2011 em Niterói (RJ). Destaca também duas iniciativas do Programa de *Formação*. Uma, os Cadernos do Programa de *Formação* – que estão disponibilizados na forma de três e-books e consistem em publicações produzidas a partir de temas geradores oriundos das pesquisas anteriormente realizadas que subsidiaram cursos de formação na referida temática (Caderno de Textos). Já o segundo é o Material orientador para futuras formações (Caderno de Método e Procedimentos) e relatos de trabalhadores e trabalhadoras que vivenciaram a experiência de formação ao longo do Programa de *Formação* (Caderno de Relatos). Outro destaque da interface inicial é o vídeo “Trabalhar na escola: só inventando Prazer”, que apresenta o programa, traz relatos de trabalhadores(as) e o desenvolvimento das ações de mudanças nas escolas no âmbito

do projeto realizadas no estado do Rio de Janeiro e na cidade de João Pessoa/PB.

Em ‘Contribuições’ reuniu-se textos de pesquisas, relatórios, dissertações de mestrado e teses de doutorado acerca da problemática saúde e trabalho na escola, materiais oriundos, principalmente, do grupo de pesquisa que constituiu o programa inicial. Foram veiculados os materiais produzidos no âmbito do Programa de *Formação* em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas Públicas e apresentados registros de diálogos entre pesquisadores e trabalhadores(as) de escolas públicas que ocorreram em diferentes momentos de seu desenvolvimento.

Nas redes sociais (figura 3), por sua vez, foram realizadas postagens inicialmente quinzenais e depois mensais. Nestas redes os posts são ordenados em ordem cronológica. Para inserção das postagens realizava-se reuniões do grupo de extensionistas (docentes e discentes) para definição e elaboração de cada post: elaboração de texto e arte, revisão e efetiva postagem.

Figura 3. Identidade visual das plataformas digitais do projeto: Instagram® e Facebook®



Fonte: acervo dos autores.

Para o post de estreia “Encontros sobre vida, saúde e Trabalho nas escolas públicas: Venham conhecer a gente”, em ambas as redes virtuais, enunciou-se a proposta do projeto de extensão, sua importância e a equipe de trabalho. Foi informada a proposta de se construir coletivamente um espaço de encontro entre saberes e entre pessoas que vivenciam e se interessam pelo debate sobre a vida, a saúde e o trabalho nas escolas públicas brasileiras e que tal rede virtual se apresentava como um canal de comunicação e de troca para estimular a reflexão sobre os processos de saúde-doença. Posteriormente, o conteúdo veiculado seguia apresentando e revelando a história do projeto e achados das pesquisas desenvolvidas em meio à pandemia da Covid-19.

A perspectiva teórico-metodológica e os materiais produzidos por meio de parcerias e de diálogos constituídos entre trabalhadores(as) de escolas e a equipe de pesquisadores(as) foram também divulgados através das postagens. Para além de se mostrarem como plataformas relevantes para a promoção da saúde, oferecendo acesso, disseminação e troca de informações em saúde de maneira ampla, estes espaços deram ânimo aos discentes envolvidos no projeto que ativamente produziam

os conteúdos e interagiam com as postagens publicadas.

5. ALGUMAS NOTAS ACERCA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DESENVOLVIDA EM ESPAÇOS VIRTUAIS

Os espaços de discussão e compartilhamento em rede ampliam e qualificam a produção de conhecimento sobre a vida, a saúde e o trabalho nas escolas públicas brasileiras. A experiência em tela, ainda que embrionária, permitiu veicular informações e trocas a partir de pesquisas sobre atividades de trabalho e vivências de trabalhadores e trabalhadoras de escolas públicas.

Nessa perspectiva, Pierre Lévy (2000) defende a ideia de que o virtual pode potencializar uma rede de interfaces que amplia as capacidades de comunicação, aprendizado e colaboração entre indivíduos. Ele argumenta que, por meio dessas interfaces virtuais, é possível conectar pessoas de diferentes contextos e geografias, facilitando a troca de conhecimentos e experiências de maneira dinâmica e interativa. A relevância desse fenômeno está no fato dele possibilitar subtrair dos especialistas o domínio único da análise. Por meio da troca

de experiências e saberes diversos em/na rede, os ‘encontros sobre o trabalho’ (Schwartz; Durrive, 2021) produzidos pela rede virtual e pelas demais mídias sociais não só estimulam como potencializam o debate sobre vida, saúde e trabalho nas escolas públicas brasileiras, a partir do ponto de vista da atividade/trabalho real, conforme preconizado pelas clínicas do trabalho (Guérin *et al.*, 2001; Dejours, 2012; Schwartz; Durrive, 2021).

Como resultados positivos deste projeto, destacamos, em relação ao site, suas atualizações no design e conteúdo. Foi realizada uma nova modelagem, considerando-se além do layout mais atual, uma usabilidade mais simples e a possibilidade de visualização multiplataforma. Quanto ao conteúdo veiculado, esse permaneceu direcionado à formação e à promoção da saúde de trabalhadores(as) de escolas. Entretanto, atualmente, mantém-se somente como repositório e espaço de divulgação devido à impossibilidade de interação com o usuário, controle de segurança adotado à época pelo serviço de informática da UFF.

Essa iniciativa institucional somou-se às mídias sociais na busca da construção de uma “rede” com fluxo permanente, envolvendo trocas, leituras, divulgação de informações relevantes, compartilhamento de compreensões e sentidos a respeito do trabalho e da saúde nas escolas públicas. As publicações no perfil Rede Trabalhar Na Escola propiciaram interação ágil e livre de fronteiras com o público-alvo supracitado, evidenciada pelas curtidas, comentários realizados e pelo compartilhamento das publicações, por exemplo. Além disso, por meio dos perfis do projeto, retomou-se e estreitou-se o contato com outras instituições, como o perfil do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação de Niterói (SEPE-Niterói). A partir daí foram realizadas duas lives conduzidas pelo sindicato: a

primeira sobre estratégias de formação na temática gênero, saúde e trabalho mas escolas, e a segunda acerca da importância para a saúde do reconhecimento do trabalho educativo realizado pelos(as) funcionários (cozinheiras escolares, auxiliares de serviços gerais, coordenadoras de turnos etc.).

A ação extensionista em foco, mediada pela tecnologia por meio dos espaços virtuais (re) criados do site e redes sociais, possibilitou, portanto, a difusão de materiais, dentre eles, os produzidos ao longo dos projetos de pesquisa desenvolvidos pela equipe de trabalho, para um número maior de pessoas. As interações positivas com curtidas e comentários de apoio foram presentes nas postagens iniciais, observando-se maior engajamento. Todavia, estas foram decrescendo ao longo do tempo. Assim, percebeu-se que à medida que se retornava gradativamente para as atividades presenciais, as interações on-line iam diminuindo.

Prioritariamente, buscou-se o engajamento dos(as) trabalhadores(as) da educação, embora pesquisadores(as) e diferentes profissionais que se interessam pelo tema tenham sido, de igual modo, alcançados. Os perfis atuais de seguidores das mídias sociais do projeto são pessoas individuais e de grupos de pesquisa. Conforme argumenta Castells (2009), a internet possibilita o acesso à informação e a comunicação em uma escala global, permitindo que indivíduos e grupos de diversas partes do mundo se conectem e interajam, algo que antes era limitado por barreiras geográficas e socioeconômicas.

Lévy (2000) explora como o digital e o virtual podem ser ferramentas potentes de transformação através da comunicação e da interação. Segundo este autor as mídias digitais criam um espaço de comunicação contínuo,

onde informações, conhecimentos e experiências são compartilhados. A continuidade sistemática das ambiências digitais aqui referidas, porém, foi diminuída. Frente às (im) possibilidades institucionais, escassez de recursos tecnológicos e humanos, por vezes não era possível acompanhar da forma mais adequada o estar na rede digital. Todavia, diante do alcance identificado ao longo dos anos de 2020, 2021 e 2022, espera-se poder retomar mais ativamente essas iniciativas, que se mostraram promissoras.

Mesmo frente às dificuldades, destaca-se que o site institucional pode ampliar sua atuação como um repositório central de informações, oferecendo conteúdos estruturados sobre os projetos e temas em saúde dos(as) trabalhadores(as) em educação. Por outro lado, as mídias sociais permitiram a interação dinâmica e bidirecional, em que trabalhadores(as), pesquisadores e extensionistas puderam contribuir com *feedback*, compartilhar experiências e co-criar significados (Lévy, 2000). A combinação desses dois elementos, ao gerar uma rede de interfaces on-line, tem o potencial de favorecer interações em que trabalhadores(as) e outras pessoas interessadas sobre o tema “saúde, trabalho e vida nas escolas públicas” possam discutir e refletir acerca da temática, em confrontação, favorecendo a co-construção de possibilidades mais saudáveis de trabalho que possam ser compartilhadas e apreendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os usos de ambientes virtuais podem potencializar a atividade de extensão universitária sendo uma estratégia que amplia significativamente o alcance e o impacto das ações desenvolvidas. Esses ambientes oferecem uma plataforma para a disseminação do conhecimento, facilitando a interação, ou seja, o diálogo com a comunidade, de maneira cada

vez mais flexível e acessível. Além disso, esses espaços podem promover a co-criação de conhecimento, permitindo que trabalhadoras e trabalhadores participem ativamente das iniciativas de extensão, sendo possível compartilhar suas experiências e saberes.

As ações aqui apresentadas garantiram a continuidade das atividades extensionistas e de pesquisa durante um período extremamente desafiador, o do distanciamento físico decorrente da pandemia da Covid-19. Entretanto, com o retorno gradual das atividades presenciais no campo da educação, observou-se uma redução nas interações no ambiente on-line. E, diante das diversas demandas surgidas, optou-se por suspender temporariamente as publicações nas redes sociais, mantendo o site institucional como principal meio de comunicação. No entanto, a realização deste projeto de extensão nos fez perceber que as iniciativas em ambientes virtuais podem ser ferramentas estratégicas na promoção da saúde em situações de trabalho (Silva *et al.*, 2009), o que se espera retomar em 2025.

Entende-se, portanto, que as redes virtuais são ferramentas estratégicas para ampliar o espaço de discussão, interação, compartilhamento de vivências e conhecimentos. Esperamos, nesse sentido, que as ações desenvolvidas ultrapassem o espaço virtual, contribuindo para a transformação das condições de trabalho e saúde, aqui, especificamente, nas escolas públicas.

Aposta-se que a modalidade de formação, pesquisa e intervenção aqui apresentada pode contribuir com o desenvolvimento das ideias acerca dos problemas enfrentados pelos(as) trabalhadores(as) nas escolas públicas referentes à sua atuação no trabalho e à saúde. Isso porque a abordagem individual da experiência do trabalho, das vivências de so-

frimento e dos processos de adoecimento são passíveis de serem superados a partir de descobertas coletivas para saídas e ações trans-

formadoras de um ambiente de trabalho que promova, portanto, saúde e afirmação de potência de vida.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, André Ribeiro et al. Promoção do conhecimento em saúde dos trabalhadores: uma atividade extensionista de educação em saúde. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 1-324, jul./dez. 2023.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, [S. I.], v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. DOI: <https://doi.org/10.53628/emrede.v7i1.621>. Acesso em: 23 dez. 2024.

ATHAYDE, Milton., ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo; BRITO, Jussara Cruz de. Intervenção e pesquisa em psicologia: uma postura ergiológica. In: BENDASSOLLI, Pedro; SOBOLL, Lis Andrea (Orgs.). **Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho: clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014, p. 129-157.

BRITO, Jussara Cruz de; ATHAYDE, Milton. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. **Trabalho, Educação e Saúde**, 1(2), 239-265. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462003000200005>. Acesso em: 23 de dezembro 2024.

BRITO, Jussara Cruz de; ATHAYDE, Milton.; NEVES, Mary Yale (Orgs.). **Caderno de Textos - Programa de Formação em Saúde, Gênero e Trabalho nas Escolas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

BRITO, Jussara et al. The use of a website an interaction and training device in health, gender and work in schools. **Work**, [S. I.], v. 41, p. 4661-4668, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3233/wor-2012-0105-4661>. Acesso em: 23 dez. 2024.

CALDERARI, Egon Bianchini; VIANNA, Fernando Ressetti Pinheiro Marques; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Professores o tempo todo: um estudo sobre as condições materiais, físicas e psicológicas de docentes no ensino superior durante a pandemia do covid-19. **REAd - Revista eletrônica de**

administração, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 487 - 524, mai.-ago. 2022DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.356.112251>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CANGUILHEM, George. **O Normal e o patológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009.

DEJOURS, Christophe. Por um novo conceito de Saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [S. I.], v. 54, n. 14, p. 7-11, 1986.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho Vivo: Emancipação e trabalho**. v. 2. Brasília: Paralelo 15, 2012.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, fev. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>. Acesso em: 23 dez. 2024.

HOOTSUITE. **The Global State of Digital 2022**. Disponível em: <https://www.hootsuite.com/pt/recursos/digital-trends>. Acesso em: 28 set. 2022.

HYPPOLITO, Amanda Ornella. **Singularidades do trabalho em uma escola pública municipal de educação integral**: uma pesquisa-intervenção sobre saúde e trabalho das protagonistas das atividades. 2018. 249 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Fiocruz/ ENSP, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30882>. Acesso em: 23 dez. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e**

da comunicação no Brasil: TIC Domicílios 2021. São Paulo, 2022. https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domiciliros_2022_livro_eletronico.pdf Acesso em 23 de dez. 2024

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos estudos CEBRAP**, [S. I.], v. 86, p.93-103, mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000100005>. Acesso em: 23 dez. 2024.

KEUTELIAN, Mary. The best times to post on social media in 2022. **Sprout Social**, 2022. Disponível em: <https://sproutsocial.com/insights/best-times-to-post-on-social-media/>. Acesso em: 28 set. 2022.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

NEVES, Mary Yale; BRITO, Jussara Cruz de; MUNIZ, Helder. Pordeus. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. I.], v. 35, n. suppl 1, 15 abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00189617>. Acesso em: 23 dez. 2024.

NEVES, Mary Yale et al. Relações sociais de Gênero e Divisão Sexual do Trabalho: uma convocação teórico-analítica para estudos sobre a saúde das trabalhadoras de educação. In: MINAYO GÓMEZ, Carlos; MACHADO, Jorge Mesquita Huet; PENA, Paulo Gilvane Lopes (Orgs.). **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, p. 495-516.

NORONHA, Maria Márcia Bicalho; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de Montes Claros, Minas Gerais. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. I.], v. 6, n. 1, p. 65-85, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462008000100005>. Acesso em: 23 dez. 2024.

ODONNE, Ivar, et al. **Ambiente de trabalho:** a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec, 2020.

SCHWARTZ, Yves. A Comunidade Científica Ampliada e o Regime de Produção de Saberes. **Trabalho e**

Educação, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, jul./dez. 2000.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). **Trabalho e Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. 3. ed. Niterói: EdUFF. 2021.

SILVA, Edil Ferreira et al. A promoção da saúde a partir das situações de trabalho: considerações referenciadas em uma experiência com trabalhadores de escolas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S. I.], v. 13, n. 30, p. 107-119, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000300010>. Acesso em: 23 dez. 2024.

Recebido em: 10.09.2024

Revisado em: 05.11.2024

Aprovado em: 21.11.2024